



## O MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Allandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

---

**DOMINGO 4 DE JANEIRO DE 1852.**

---

### DEPOIS DIREI.

Terra da Cruz, eia, que fazes? Ainda no verdor dos annos já dobras de cançada a fronte enrugada pelo vicio!? Tuas estrellas já não brillão com o scintillar luzidio no azul do Céu porque os espiritos corruptos acloimerão-se em camadas de sombras, para furtar essa luz consoladora!! E tu deves ser bella ainda!

Porque os dias que hão de vir  
Quem sabe a côr que terão!

Deos e a sorte:

Não seja ella negra como a côr da morte.

Oh! não definhes! Deixa o mirrado e exigente velho que de tudo treme, porque vê a morte, descança teu corpo alquebrado nessa mocidade de fogo, goza com ella dos alimentos fortes, e terás vida! Oh! não mates a esperança de agora, para os tempos que hão de vir, com um frio movimento de teu braço ainda novo! Não: porque ainda tens dentro de ti milhares de sensações embotadas pelo estúpido apertar de mais de meia duzia de homens condemnados pelo destino a soffrerem o escarneio do futuro.

Ri, porque os monumentos á gloria delles serão montões de esterco, que poderão servir de alimento á raiz da grande arvore do progresso que nós havemos cultivar.

Mocidade de ambos os sexos, saudai mais este passo adiante : sacudi a mão com tremor convulso de um contentamento inexplicavel, erguei os olhos ao Céu e ouvi o Magico.

“ Lá n'alta noite,  
Que a luz sacode  
Dizer-te pode  
O teu destino. ”

Mesmo no acto do repouzo, sem que o presintas elle irá ao ouvido de cada um, e com tres palavras pronunciadas de manso, vós todos vos sentireis electrizados !

O anno de 1852 abrirá para adiante uma nova era. Em vós esperão todos se tiverdes coragem para suplantar os impulsos de paixões nojentas, e se tiverdes pureza e fe para vos unirdes com segurança como verdadeiros irmãos.

Correi que os dias vindouros  
São todos vossos.

Sou eu quem vos sauda, e aqui podeis hoje conhecer-me !

O *Magico* de frente erguida sauda o Rei do Universo ! E só para o Céu se curva respeitoso a todo o momento : de braços abertos espera de vós todos um abraço fraternal, um osculo de amor se é que vossos labios não estão seccos pela excomunhão.

E' este o livro das eras onde vereis paginas immensas com as marcas do destino ; nelle eu passo a vida contando umas, e figurando o outro. Esta folha é nova ! Tem no começo escripto em letras côr de cinza — 1852 — mais um anno e mais um dia ! Muito se pôde fazer por esse correr de horas, que constitue um anno, e muito se pôde esperar de quem tiver as lições do passado machucando algum plano criminoso, ou alguma malefica idéa. Deixem de ser maus ao menos uma vez.

Saúdo aos povos do mundo que de inveja querem acabar pelo saque a minha terna amiga ! Saúdo a seus proprios filhos que levados pelo egoismo perdem-se e a deitão a perder.

Sejão bem vindos os dias que vão correr, para mim, para vós e para elles !

Queira Deos compadecer-se,  
Deste povo desvairado,  
E lhe dar melhor futuro  
Se for ao mal condemnado.

Deos nos favoreça com a graça do Espirito Santo ; a vós para que não não deixeis morrer tudo quanto pôde alimentar e sustentar o progresso de um povo e de uma Nação, e a mim..... depois direi !



## ESTUDOS THEATRAES.

Quem se der ao trabalho de examinar a organização da governancia do theatro lyrico, hade encontrar muitas semelhanças com a oligarchia que governava Veneza. Os governantes lyricos são 9, e se houvera mais um teriamos um, perfeito Conselho dos Dez, tanto mais semelhante por contar em seu seio, esse triumvirato a que chamavão Inquisição, cujos decretos de morte erão sempre embuçados no manto da noite. No theatro lyrico porem, essa inquisição não decreta morte, seus decretos são mais doces, mais humanos, e parecem não ter em vista senão a possessão desta ou d'aquella bailarina ou cantora, julgando assim preencher as vistas de quem a nomeou, e a collocou á frente de um theatro d'esta ordem,

Ponhamos isso de parte, e vejamos a necessidade de tantos governantes em um theatro, que em outros paizes costuma ser dirigido por uma só pessoa, e que mesmo entre nós o tem sido.

Temos 3 directores geraes, 1 lyrico, 1 inspector de scena, 1 mestre de canto, 1 mestre dos coros, 1 administrador, 1 regente da orchestra, ao todo 9 governantes, 9 individuos que tem acção na marcha do theatro, e que podem dirigi-lo a um futuro feliz e lizongeiro, ou dar com elle no aniquilamento, como hia succedendo com a passada administração. Estes 9 governantes tem obrigações bem distinctas, os 3 directores geraes escolhem o espectáculo, determinão o dia, e dirigem tudo quanto diz respeito a espectáculos: o inspector da scena poem em scena as operas, ensaia-as, e como seu nome indica, encarrega-se de tudo quanto é de scenas.

O mestre de canto, dos coros, e regente da orchestra seus nomes mesmos determinão suas obrigações: O administrador tem a seu cargo as colheitas, e despezas dos espectáculos, e tudo quanto é domestico: o director da companhia lyrica!... não lhe enxergamos obrigação alguma por mais que procuremos a não ser a de receber 300.000 rs mensaes! Deliciosa obrigação!?!? Como não deve elle andar tão afadigado, tão ensopado em suor nesta estação, com os afadigozos, estafozos, trabalhosos, e cançosos deveres, que tomou sobre seus frageis hombros!

Custou-nos a crer, e ainda nos custaria a dar-lhe inteiro credito! porem depois da revista que passamos aos differentes cargos, dos differentes governantes theatraes, sem encontrarmos uma obrigação por mais diminuta que seja, que faça decentemente receber esses 300 mil réis mensaes, somos forçados a julgar, que e um pensionado, que recebe esse estipendio só.... não sabemos mesmo por que!

A vista pois do que fica dito, e depois da revista que passamos, devemos crer, que ha um desperdicio mensal de 300 mil réis com um governante cujas obrigações são muito misteriozas para chegarem ao nosso conhecimento.

Agora vejamos se poderíamos aventurar alguma couza em beneficio da economia. O mestre de canto não poderia ser o mestre dos coros?

O director da companhia lyrica, que é artista, não podia ser mestre de canto, e administrador ao mesmo tempo?

Pelo que o theatro hade estar hoje como secretaria d'Estado com amanuenses ganhando 80 mil réis etc.? No tempo da sociedade emprezaria o theatro lyrico estava tão bem montado como está hoje, e contudo não havia esse enxame de governantes, nem de empregados, e os espectaculos erão com a mesma regularidade que hoje.

Desenganemos-nos, não é pelos muitos mandões, e empregados, que qualquer serviço é melhor e mais depressa feito: todos nós temos exemplos domesticos que nos ensinão isso. Os muitos empregados favorecem a preguiça e o descanso, e o serviço é sempre quem soffre. Para que pôr á testa do theatro lyrico uma direcção de 3 pessoas? Por ventura uma só pessoa não era bastante para dirigir um theatro, por maior que fosse, com o numero d'empregados e d'adjudantes que a direcção tem debaixo de seu mando?

Dicemos isto em prol da regularidade do serviço, e não porque ignoremos, que a direcção não percebe couza alguma.

## AS CASAS DE JOGO.

O jogo é de todas as paixões a que mais domina o homem — a que arrastra o filho ao parricidio, a que priva uma pobre mulher das caricias de seu esposo, os innocentes filhinhos do pão quotidiano; o jogo é uma destas paixões negras como o inferno, mais fatal, que nenhuma outra! — é a paixão de todas as classes que a todos domina, que a todos arrastra — é a paixão que por via mais recta e menos longa conduz ao cadafalso! E no entanto o jogo é hoje uma moda entre nós, o *bom tom*; porque o homem que não joga é estúpido; se não sabe furtar é tolo!! a que seculo chegamos! E' honrado o negociante, o fidalgo que joga com dolo; é infame, é ladrão o mizero vicioso, ainda que *lisamente* jogue!

Não vos admireis — é assim — por mal nosso — mas é assim! — é a moda, e a moda tudo domina — Andai com a moda.

E por isso de cada canto da cidade surge um destes focos de perdição — se é moda! — e por isso centenaes de filhos esbanjão as heranças de seus pais; por isso milhares de pais, esbanjão os patrimonios de seus filhos — que importa, se é a moda? — e por isso milhares de innocentes morrem á fome; por isso uma pobre mãe verte lagrimas de desesperação — oh, não tremais, pais de familia! — a moda pede que mandeis educar vossos filhos, a educação de hoje consiste na moda, e o jogo introduzido como está hoje, de má fé, é a moda! E por isso essas casas por ahi se mostrão ás claras, e nellas se sacrificão as victimas — os tolos! — e a policia.... Cala-te minha boca — não vês que é a moda?



# MODAS.

*Caricatura á broxa de caçador.*

Os homens mais illustrados da epoca são aquelles que teem a publica forma de suas *chocolateiras* estampadas em alguma *bacia* — de lavar o rosto, em alguma porta de loja de canquilhaes exposta á venda, ou finalmente em alguma taboleta de caça onde se tira pelo daguerreotypo. Esta ultima descoberta veio dar importancia e luz a muita gente que nada valia e estava no escuro. Quem quizer agora ser apontado e reconhecido por todos os passageiros de qualquer rua é ir a qualquer das cazas acima e consinta que vá a sua figura para a exposição cá do Rio. E' pena não sahir o nome tambem no aço, pois ha pessoas que apezar de retratadas e expostas pela figura nada indicão, outros que indicão de mais. Sabemos que isto é devido á natureza das couzas.

Ha alem desta certas modas de tom que julgamos forão inventadas por alguma imaginação ocioza; sintimos não ter presentemente um regador velho para ajuntar a cal com que pretendemos re-presentar nossas caricaturas, e assim broxal-as em alguma parede sem reboque, ou em algum papel de embrulho.

Uma outra moda é de andarem homens e mulheres todos com seu cachorinho, uns pela mão outros pelo colo; conheço eu certa sugeita que anda com seu tótózinho felpudo, isto é sem duvida um enfeite alem dos outros com que ella procura suprir a falta de mocidade e elegancia no seu porte.

A nossa nobreza de *fôfôs* tambem uza de seu tótó, galgo ou da terra nova, é uma das sumptuosidades dos lords.

A classe media serve isso de alyo aos requebros, serve de instrumento do *telegrapho amatorio*, pois dar um beijo em um *cachorrinho* é o mesmo que dar no amantezinho. Na classe baixa porrem serve de cargueiro, ou de guarda portas. O que sempre foi de utilidade para uns, de necessidade para outros, quasi que muitas vezes é de um surpeffuo rediculo para muitos.

O rapaz que hoje não tem a sua luneta pendurada ao pescoço, e o seu galgo prezo por alguma fitinha não é do tom. O *dandy* que não monta em cavallo do Cabo, seu ou emprestado, não está no galarim. O velho que não calça luyas de pelica e não cheira a *extractas* não conhece as etiquetas, seja elle de que classe for, e seja qual for o lugar em que se ache.

A broxa deixou uma pastada de cal. não se póde bem distinguir os figurinos. Em outro numero melhor caiaremos.

*O Perilampo.*



## QUINTILHAS.

### *Carta do Gauderio a sua tia Lambisca.*

Viva lá senhora tia,  
A quem tributo respeito,  
Por ser sobrinho do peito,  
Que goza sua amizade,  
E lhe é grato em verdade.

Minha tia, nesta carta  
Vou lhe dar as boas festas,  
E prometto que outras destas  
Lhe irei sempre mandando,  
Se Vmce. tór gostando.

Estimo bem que passasse.  
Gostosa com o seu Natal,  
E sem soffrer algum mal  
Nem se lembrasse da morte,  
Como eu cá nesta Corte.

Passa aqui bem boa vida,  
Aquelle que tem dinheiro,  
Porque é logo o primeiro  
A receber bom presente,  
De toda a casta de gente.

Uns vão mandando seu pato,  
Outros o gordo leitão,  
E comem só o feijão,  
Porque isso é cortezia,  
Que se faz por sympathia.

Porem eu, querida tia,  
Que não sou nenhuma couza,  
Vou qu'al Manoel de Souza  
Tomando somente o cheiro,  
Porque não tenho dinheiro.

Esta gente que dirige  
A sorte do meu paiz,  
A quem nenhum mal eu fiz  
Não me dá couza de vulto,  
Porque toma por insulto.

Isto é bom p'ra certa roda,  
Ou gente de certa laia,  
Que veste fina cambraia,  
E anda até de gatinhas,  
Aqui por certas cazinhas.

Ou p'ra outros que figurão,  
E que servem de peteca  
Vestidos de farda, ou beca,  
Já sem verniz nas feições,  
E se chamão Cortezões.

E' costume neste tempo,,  
Todos deixão a cidade,  
E vão de cara em metade  
Para roça sem bagagem,  
E sem pagar a passagem.

Logo se lembrão de amigos,  
Que deixão abandonados,  
Ficando emtão procurados  
Agora em tempo de festa,  
P'ra não gastar uma resta.

Talvez por lá V. Mce.  
Tambem tenha vizitinhas,  
Dessas papantes alminhas,  
Que vão atraz do bom cheiro  
Dos feijões do fazendeiro.

Mas aqui tratão de resto  
Esquecem-se logo da gente,  
E se vem ser pretendente,  
Anda limpando as escadas,  
Soffre muitas cassoadas.

São couzas cá desta Côte,  
O' Tia cazo não faça,  
O pedir já é desgraça,  
O roubar é galardão,  
Faz o homem figurão.

Isso até é bem precizo,  
P'ra sustentar a melgueira:  
Um burro cheio d'asneira,  
E' aqui considerado  
Tendo o bolço recheado.

E ninguem saber procura  
D'onde a fortuna lhe veio,  
Comtanto que vá no meio,  
Com elles tambem pilhar,  
Quem deve o vicio cortar.

O livrinho das quarentas  
Dá aqui fortuna immensa,  
Até ha franca licença  
P'ra quem sabe folheal-o,  
Comendo d'outro roubal-o.

Mas tenho cá esperança,  
Que haja no anno novo,  
Para este infeliz povo,  
Que tem levado a gemer,  
Agoa boa p'ra beber.

E mesmo couzas de guerra,  
Mudanças de Ministerio,  
Colonos e cemiterio  
Escravos et cetera e tal,  
Ficará pr' outro natal.

Até penso ainda mais,  
Que a minha tia Lambisca,  
Roerá a sua isca  
Ficando o triste sobrinho,  
Infeliz cá no cantinho.

*Gauderio.*

## MISCELLANEA.

— Um cantor do theatro Italiano dá alviçaras a quem achar a voz que elle perdeu tomando um grog em certo botiquim.

— Recomenda-se aos Srs. Pedestres que agarrem o juizo de *certo personagem* que anda fugido ha algum tempo; pois não quer que vá parar á Misericordia, para não ter o incommodo de provar que é seu, com documentos sellados.

— Um cachorro que seu dono o abandonou, não sabe porque motivo, deseja achar uma caza onde vá comer descansado, e ao abrigo das bolas da Ilma, e dos cacetes dos malsins.

— Descobriu-se um meio de evitar que hajão *prezos* por bebedeiras, — é obriga-los a não pagar aos taberneiros. Isto seria de grande utilidade cá para esta terra, onde ha muita disposição para *camuecas*.

— Os vallentes agora devem-se arrecear de levantar o topete, porque ha em cada canto e a cada passo um *gen d'arme*, um bigodeiro, um soldado! Inibius que praga! E' verdade que ha distincção de corpos, uns são Correios de Ministros, outros entregadores de cartas, outros tal, &c. — Se isto tudo fizesse afugentar os *Vagantes Moreegos*, não era mau.

— Certo individuo chamara outro a juizo por crime de injuria. O criminoso compareceu acompanhado do seu advogado; este, depois de ter fallado pelo *não sei que* de Judas, descarta-se com este fructo de não sei quantos annos de estudo: *Sr. Juiz — V. S. tenha em vista que o meo cliente é nacional*. O autor passou as folhas do codigo, e lá não vio que um individuo por ser nacional, podesse insultar outro; mas o juiz, nacional, já se sabe, entendeu o nacionalismo, e por nacionalidade o absolveo. Fica entendido que qualquer bigorrilhas, uma vez que seja nacional, pode a seu bello prazer insultar, injuriar, zombar, cassoar, vituperar, diffamar e não sei se *apanhar*....

— Se alguma sociedade precisar de um programma bem feito, com boas batatas, procure em S. Christovão o Renegado Mofino, que se emprega agora neste divertido passatempo; o mesmo Renegado tambem ensina a fazer sopa de rabiolis, e não leva cousa alguma por isto.

— As pessoas que desejarem o augmento de suas fortunas acharão na rua do Hospicio numero, noventa e oito, oculos que tornão uma nota de 10000 rs. do tamanho de qualquer torre de igreja. Na mesma caza limpão-se e concertão-se os mesmos.

— O bastidor da E. A. do theatro de S. Francisco avise áquella senhora actriz que disse que as sociedades dramaticas particulares que hoje existem são todas compostas de gente ordinaria (excepto aquella de onde percebe uma boa propina) que não é bonito fallar-se de quem nos dá o pão a ganhar, e não queira que se forme uma opinião diversa daquella que até agora a mesma senhora tem merecido dos meus companheiros bastidores.



*Offerecido ao Sr. Prospero Diniz em resposta ao seu artigo —  
Escriptores da nossa terra.*

## SONETO.

Só grulha de vaidade o vão pateta  
Do Perú que sem pennas p'ra enfeitar-se  
Com as pennas de pavão vive a mirar-se  
Tentando do grandôr tocar a méta

Só grulha e da maldade atira a seta  
O que nada sabendo impõe que sabe,  
E provando, em escripto, que dessabe  
Quer sem arte ensinar a ser poeta;

Mas aquelle que estuda e a profundeza  
Do saber avalia, não se atreve  
Nemhum fructo matar d'uma ardua empreza.

Rapazes, ao progresso e á gloria em breve!  
Já se pode escrever com mais franqueza,  
Porque o Prosp'ro Diniz tambem escreve.

*De um apócrifho escriptor da nossa terra.*

---

## CHARADA.

Em qualquer parte que esteja  
Ninguém passa sem que eu veja — 2  
A bella prazer mostrava,  
Quando um beijo lhe pedia:  
O mesmo o sabio fazia,  
Que por louco então passava — 2.

## CONCEITO.

Então quem sabe  
Dos tempos velhos,  
Ou procure nos Conselhos,  
Ou nos conventos por fóra,  
Ou no Governo de agora.

---

A significação da ultima charada é — *Vil.*

---

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & AYRES.  
Rua d'Alfandega n.º 135.



# FOLHETIM DO MAGICO.

---

(Continuação do numero 7)

Escuta bem, uma vez roubada a moça, leval-a-hemos á sege que está proxima á grade do pateo do Cavallo Branco. Esta sege deve-se ter feito reparada.

— Ha 3 horas que ella ali está, e provavelmente tem sido bem notada.

— E' preciso, que o seja inda mais. Mas logo que a moça lá estiver, e que os cavalloos tenham partido, deixa-a gritar a seo gosto, para que se fique certo de que foi uma mulher roubada, e conduzida pela estrada de Pariz.

O velho Clairret seguirá o rasto, e a sege continuará o caminho até Pariz. Quanto a ti, apear-te-has na altura da estrada, que vai ter á ermida de Franchard, e para ali levarás a pé Marianna. Eu lá estarei.

— Mas essa estrada é cheia de ladrões.

— Já te disse que lá estarei. E' preciso que eu prepare o ermitão para essa vizita, e que lhe pessa um azilo com polidez. Tranquilliza-te. Eu terei chegado primeiro que tu.

Conversando assim, ouvirão andar no primeiro salão da rainha, e apagarão as velas da antecamara, depois de terem aceso uma lanterna surda. Marianna entrou: ella pareceo surprehender-se de achar-se com a unica luz que tinha na mão, nesta peça ordinariamente muito alumada, e apressou-se a ganhar a porta da galeria. Quando hia passal-a, uma mascara lhe foi posta sobre o rosto, e um lenço prendeo-lh'a fortemente: não houve um só grito neste primeiro momento. Landini tinha agarrado a moça pelas duas mãos, enquanto Merula hia abrir a porta da escada secreta; mas Landini tinha a chave d'essa porta suspensa á sua cintura e para tiral-a foi preciso largar uma das mãos de Marianna: ella que forcejava debalde para isso, aproveitou esse ensejo, e arrancou o lenço que lhe prendia a mascara, e deo um grito desesperado, e terrivel.

Todos os fidalgos que bebião e jogavão no fim da galeria, levantarão-se rapidamente; mas não ouvirão couza alguma,

...a não ser uma porta que s'abria ao lado d'elles, por onde sahio o velho Clairet, que parou, ao ver o ar d'attenção e de surpresa que todos tinham.

— Que tendes senhores, lhe diz elle com um modo insolente e mofador; dir-se-ha que a appareição de um velho vos mette medo?

— Eu quero ser enforcado, diz Charnacé, se eu não ouvi....

— E' o barulho desta porta repetido pelas abobadas d'esta galeria, que vos tem espantados, diz arrebatadamente Monaldeschi.

— Uma porta que diz: *Aqui d'El-Rei!* Replicou Charnacé, me parece bem extraordinaria!

— Aqui d'El-Rei? diz Clairet cujos olhos brilharão com um fogo de gato. Gritou-se Aqui d'El-Rei no fim desta galeria?....

Contou rapidamente os fidalgos presentes, e replicou encolhendo os hombros: Elles estão aqui todos.

Depois chegou-se á janella, e continuou, sempre fallando comsigo mesmo, mas de sorte que fosse ouvido:

Depois no apozento da rainha ainda tem luz, e Marianna não deve ter sahido.

— Quem diremos que seja essa Marianna? diz Charnacé bebendo um copo de vinho.

— E' minha filha, Sr. Visconde, diz Clairet com insolencia, e inda que seja filha de um criado, se algum dos fidalgos aqui presentes a tivesse insultado, havia-m'o pagar bem caro.

— Quanto vale vossa filha, para que saibamos o preço da injuria? Diz Charnacé estendendo-se na cadeira.

— Por pouco que seja seo valor, replicou Clairet com um tom chocarreiro, é sempre superior aquelles que pagão em moeda falsa.

— Insolente! diz Monaldeschi.

— Deixai-o, diz Charnacé, este homem desempenha bem o seu officio de bufão.

Clairet não respondeo a esta injuria, satisfez-se em deitar a Monaldeschi um olhar rancoroso: este que não podia disfarçar a sua perturbação, quiz occultal-a sob um ar altivo, e disse a Clairet:

Quem vos chamou a estas horas neste lado do castello ?

— Excellentissimo, replicou Clairet com uma humildade affectada, e um ar de zombaria, Marianna devia passar por aqui para ir para o seo quarto. Marianna é moça e indiscreta, poderia na passagem perturbar vossas graves occupações, e eu quiz previnir esse dissabor.

— Pois ide-vos, diz Charnecé.

Clairet retirou-se lentamente, e não s'ouvio mais que os passos pezados do velho no comprimento da galeria.

Monaldeschi escutava ainda inquieto, quando novos gritos fizeram-se ouvir : Monaldeschi quazi desfalleceo. Os outros fidalgos pegarão em tochas, e correrão á extremidade da galeria : quando chegarão á antecamera ella estava dezerta, todas as portas estavam fechadas, tudo tinha voltado ao silencio. A luz fulgurava ainda no apozeno da rainha, e Clairet tinha-se sumido.

## II

E' necessario explicar agora, donde vinhão os gritos ouvidos pelos officiaes de Christina, e que os tinha attrahido á antecamera, onde se passarão algumas scenas, que acabamos de narrar. Para isso, faz-se preciso entrar no apozeno desta rainha.

Ella acabava de entrar alegre e ativa : os galanteios de Guise, que lhe tinha prodigalizado estes obsequios elegantes, que parecem sempre em vesporas de chegar á paixão: o amor triste e dedicado de Suenon, cujo silencio era uma admiravel lisonja, porque attestava a Christina um respeito, que ella reconhecia não merecer: este triumpho obtido sobre dois corações tão altamente considerados a tinham encantado : a presença de Monaldeschi só tinha perturbado essa felicidade. Este homem a quem ella se dera com uma louca paixão, e a quem agora não amava mais, era um desencantamento perpetuo para ella : sua baixa adulação, que lhe tinha parecido amor, todo o tempo que foi seu amante, lhe repugnava, agora, que elle tinha adquerido o direito de fallar como homem á mulher que lhe pertencia. Talvez inda podesse amal-o, se fôra exigente, tirannico; mas conservou-se muito humilde para que ella deixasse de sentir, que se tinha entregue a um criado. O ciume e as iras de Suenon, quando ella procurava as home-



nagens de um estrangeiro, lhe apraziaão mil vezes mais, que a obsequioza complacencia com que o marquez fingia não enxergar suas attensões para outro.

Se alguma coiza pois tinha misturado amargura á alegria desta reunião, foi em primeiro lugar a prezença de Monaldeschi, e em segundo a maneira com que elle s'approximou d'ella e lhe fallou. A impassibilidade de seu rosto, a calma de suas palavras, quando ella o insultava com a dureza de suas respostas, a tinham irritado. Em verdade, a cadea que impoem a uma rainha, o homem a quem nenhum insulto póde offender a ponto de provocar um rompimento, é a mais pezada de todas.

Havia inda muito de mulher, naquella que se fazia nomear rainha Christina, para despedir seo amante como um laçao, que não nos serve mais.

Estes sentimentos revoltados um momento em seo coração, acalmarão-se em poucos instantes, e recebeu nessa noite os serviços de suas mulheres com uma affabilidade, que não lhe era habitual: e despedio-as depois com bondade. dizendo-lhes que dezejava ficar só para trabalhar.

Ella as enganava ou enganava-se a si mesma, porque logo que se vío só, a lembrança de Suenon voltou-lhe com uma teima, que mesmo ella se espantou. Era porque esta noite Suenon excitado pelos galanteios de Guize, tinha máo grado seo deixado apparecer a paixão que sentia. Tinha sido uma lucta de palavras, entre o corteção consumado e o jovem official, que a presença só e habilidade de Christina tinha vedado, não se tornar uma rixa. Quanto mais Suenon deixava ver impaciencia e audacia, tanto mais Christina tinha prazer em aguilhoar ou acalmar esse fogo irreflectido, como um habil picador para fazer sentir melhor ao cavallo a força da redea, rompe-lhe o ventre d'esporadas. Neste instante Christina amava Suenon, não por seo amor, mas por lhe ter dado occasião d'exercer seo poder de mulher.

Christina não tinha uma alma a satisfazer-se com um amor ideal: em seo pensamento levou este a uma conclusão provavel, e a possibilidade de possuir um novo amante. desagradou-lhe; podia ser um outro Monaldeschi.

(Continúa.)